

A história dos “Eus literários” e a influência dessas leituras na apropriação do conhecimento

Alvaro Carvalho Dias da Silva¹
Geilma Hipólito Lúcio²

RESUMO: Existe atualmente em nosso país uma vasta produção literária em diversos gêneros, onde, apesar do grande índice de analfabetismo funcional ainda existente, as influências dessas leituras agem silenciosamente na vida de cada cidadão. O estudo levantado aqui neste breve recorte, faz parte de pesquisa de Mestrado mostrando as intencionalidades de específicas produções literárias auto-biográficas como ferramenta de apropriação do conhecimento, estabelecendo uma ponte entre o imaginário e o real. Já que Kuenzer nos deixa claro que “ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção” (2003, p.103). Em outras palavras, o receptor/leitor mergulha no universo da leitura e acaba sendo envolvido pelas mensagens que o escritor/autor pretende passar de forma clara e intencional, como no caso das obras “O estudante” e “O triste percurso dos usuários”, onde estas previamente em seu processo de produção tiveram o intuito de relatar experiências e influenciar na prevenção contra as drogas ao seu público.

Palavras-chave: produção literária. Intencionalidades. apropriação do conhecimento.

ABSTRACT: Existe atualmente em nosso país uma vasta produção literária em diversos gêneros, onde, apesar do grande índice de analfabetismo funcional ainda existente, as influências dessas leituras agem silenciosamente na vida de cada cidadão. O estudo levantado aqui neste breve recorte, faz parte de pesquisa de Mestrado mostrando as intencionalidades de específicas produções literárias auto-biográficas como ferramenta de apropriação do conhecimento, estabelecendo uma ponte entre o imaginário e o real. Já que Kuenzer nos deixa claro que “ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção” (2003, p.103). Em outras palavras, o receptor/leitor mergulha no universo da leitura e acaba sendo envolvido pelas mensagens que o escritor/autor pretende passar de forma clara e intencional, como no caso das obras “O estudante” e “O triste percurso dos usuários”, onde estas previamente em seu processo de produção tiveram o intuito de relatar experiências e influenciar na prevenção contra as drogas ao seu público.

Palavras-chave: produção literária. Intencionalidades. apropriação do conhecimento.

¹ Doutor em Educação pela EBWU. Mestrado em Ciências da Educação (UAA/UFPB – Universidade Federal da Paraíba); Pós-graduado em Psicopedagogia (FIP – Faculdades Integradas de Patos); Graduado em Licenciatura Plena em História (FIP); Autor do livro “O triste percurso dos usuários” publicado pela Editora Prottexto/2011: www.prottexto.com.br; Editor Original/Roteirista da Revista “São Bento em HQ: Tecendo Histórias”.

² Doutoranda em Educação na World University Ecumenical (WUE). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM. Especialização em andamento em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Sucesso (FACSU). Especialista em Docência e Gestão na Educação a distância pela CECAP. Graduada em Letras, com habilitação em língua portuguesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, campus IV - Catolé do Rocha/PB.

INTRODUÇÃO

Ao buscarmos entender o papel da leitura na vida dos indivíduos, compreendemos que esta muitas vezes influencia no modo de pensar de forma substancial, ou seja, o leitor mergulha no mundo criado pelos escritores de forma mágica, numa viagem que muitas vezes apesar de ser fictícia acaba sendo apropriadas como realidades.

Neste breve estudos buscou-se mostrar a importância da leitura na formação cidadã, onde através de leituras específicas compreendemos o valor significativo que estas tem na vida das pessoas, analisando assim a mensagem que alguns dessas tem a intenção de transmitir, onde através de obras como “O estudante” de Adelaide Carraro e “O triste percurso dos usuários” de Alvaro C. Dias da Silva, entendemos que muitas vezes o ato da produção literária traz em si uma bagagem de conhecimentos intencionais, descrevendo a partir dessas obras que *“leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas”* como expressou Kuenzer (2003, p.101).

Freire (1997) nos ensina que a educação não deve ser neutra, mas sim reflexiva, capaz de gerar meios que permitam o desenvolvimento integral de cada um, que abra caminhos entre o pensar e o agir, um tipo de aliança entre leitura do mundo e prática, deixando assim a educação, de ser uma mera transmissora de informações sem intencionalidade, que este denominou de educação bancária. *“Minha presença no mundo não é a de quem nele se adapta, mas de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”* (FREIRE, 1987, p.57).

Sendo assim, ao observarmos esta afirmação numa perspectiva ecológicaⁱ (paradigma que fundamenta-se no respeito e compaixão), entendemos que o papel de educar enquanto instrumento de transformação social é o de construir, de libertar, fazer cada um entender e reconhecer seu próximo como semelhante e seu papel na História, tanto numa dimensão individual quanto coletiva, uma educação como prática da liberdade e compromisso social. Princípios estes defendidos no Artigo 3º da Constituição Federal do Brasil, quando estabelece esta nação como uma sociedade que deve

promover a liberdade, a justiça e a solidariedade. Portanto tornando o processo educativo um ambiente de construção mútua, *“já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas os homens se libertam em comunhão”*. (FREIRE, 1987, p. 130).

Diante desses fatores é que se fundamenta esta pesquisa, onde através do incentivo a leitura de obras específicas abordando as drogas, busca-se não encontrar a solução final para o problema, mas uma alternativa que possa estimular a reflexão e conscientização dos educandos acerca da problemática em questão, fazendo uma ponte entre o pensar e o agir.

UM BREVE OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E SUAS PRÁTICAS DE LEITURA

O contexto educativo brasileiro, mesmo com mudanças nos últimos anos, encontra-se num limbo-reflexivo auto-questionador de suas práticas pedagógicas. Sendo o incentivo a leitura para uma reflexão crítica da realidade um dos maiores obstáculos a ser enfrentado na sociedade contemporânea para o desenvolvimento de uma educação de qualidade formadora de cidadãos conscientes, críticos e reflexivos. Já que estes são fatores chaves expressos nas leis que regem a educação brasileiraⁱⁱ, onde o compromisso social da educação vai além da preparação para o mercado de trabalho, mas tem como foco ultrapassar as barreiras do conformismo, estimulando o desenvolvimento de cada um para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Dentro desta questão, surge a pergunta de qual seria a missão dos responsáveis para o desenvolvimento de uma educação de qualidade: a de desenvolver ao máximo a liberdade, a conscientização, a imaginação e a criatividade de seus alunos, ou apenas a de conformá-los às normas do “bom cidadão” aceitas e exigida pela sociedade vigente? Sabemos que a resposta na história do Brasil vem sendo a segunda, no entanto, o mundo atual não deixa dúvidas quanto à sua ineficácia.

Foi envolta desse quadro, que foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/96) – mais conhecida como Lei Darcy

Ribeiro –, estabelecendo em seus princípios, as bases da educação nacional, suas normas de funcionamento e as competências das várias instâncias governamentais de âmbito federal, Estadual e Municipal. Como também os próprios Parâmetros Curriculares Nacionaisⁱⁱⁱ (PCNs), contribuíram para esse debate homogeneizando a idéia de uma nova roupagem para a educação brasileira em busca de transformações imediatas no contexto atual.

Segundo Neves (2000), um dos grandes problemas no Brasil nas novas propostas para a educação, é que essas não tratam de uma política formulada por educadores e setores locais, mas de uma política de imperativos globalizados, pretendendo emparelhar o Brasil aos parâmetros internacionais da lógica neo-liberal.

Uma das conseqüências mais perversas da empreitada capitalista/consumista que esmaga as fronteiras sociais, é que esta acaba nos alienando de nós mesmos, onde já não sabemos mais distinguir as reais necessidades das aspirações fúteis criadas pelo irresistível desejo materialista. Não esquecendo é claro, da marca mais perversa e eminente da sociedade de consumo, o crescimento do individualismo provocando uma competição inescrupulosa entre os indivíduos fazendo valer o axioma do “Darwinismo Social”, a luta pela sobrevivência do mais forte em detrimento do mais fraco. Isto acabou gerando angústia e agressividade humana em suas relações com o próximo, provocando cada vez mais o sentimento individualista sugando tudo que podem do meio ambiente e comprometendo a qualidade de vida no planeta. É dentro deste contexto que defendemos aqui o resgate de uma educação que vise o estímulo a reflexão e prevenção proporcionada por leituras que desenvolvam o sentimento de conscientização acerca dos problemas que nos rodeiam.

Esse dilema, já foi antes explanado por Hanna Arendt (1972), quando aponta que a raiz da crise da educação é a incompatibilidade da natureza intrínseca do ato de educar – que seria a preservação e transmissão cultural – mas as atitudes do homem moderno frente ao passado acabaram deixando de lado este foco que deveria ser a função e responsabilidade da educação escolar e de todos os mecanismos educativos, a transmissão, a preservação da

experiência humana entendida como cultura, para assim através de erros passados, conduzir as novas gerações ao ápice da humanidade. Este compromisso por sua vez, acabou sendo esmagado e acomodado no “promissor” sistema global.

Assim, a construção de uma nova educação brasileira, segundo Neves (2000), ou passa pelo crivo governamental, que tende a impor as mudanças de cima para baixo como foi o caso da LDB ou, por um número de profissionais que, graças as suas competências de gabinete, estão aptos a promover tais debates, os pedagogos. Num caso ou no outro, os verdadeiros “profissionais de sala de aula”, os responsáveis pela educação formal direta, raramente participam do processo, a não ser claro, quando são obrigados a engolir e fazer engolir o que é imposto pelas autoridades competentes. Não podendo esquecer, num debate dessa natureza, a outra ponta do “iceberg”, submersa sob as águas da autoridade, que “não opina”, “não é um profissional”, está nessa por imposição social legal e, que sempre é “obrigado a suportar as chatices” da educação escolar: o aluno.

Porém enquanto o debate prossegue, de um extremo ao outro do país, há novas propostas educacionais. Movimentos populares pulando em várias comunidades, graças a alguns “profissionais” que, alheios ou não a nova proposta para a educação brasileira, defendem e aplicam novas metodologias – ou tecnologias – no processo de ensino aprendizagem em busca de uma educação mais reflexiva para seus educandos. Onde mesmo diante das dificuldades, alguns poucos avançam em busca de um novo caminho a percorrer, uma nova técnica a inserir, tornando assim o ambiente escolar mais estimulante e solidário para ambas as partes, não tendo que, para manter uma certa ordem, ter que debruçar-se em vão nas redes do autoritarismo.

De acordo com o raciocínio de Jean Piaget (1984) a principal meta da educação seria a de criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. E a segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas propõem.

Dentre os inúmeros problemas que assolam o país, o “analfabetismo” é um dos mais evidentes. Não o tipicamente analfabeto completo, aquele que não sabe escrever nem o próprio nome, mas, o analfabeto funcional^{iv}, ou seja, aquele que lê, porém de uma forma bastante precária.

O termo analfabetismo funcional têm sido utilizado mais comumente no contexto atual para designar a incapacidade de pessoas utilizarem a leitura e a escrita, além de realizar cálculos básicos, em atividades da vida diária que requerem tais habilidades. Mais recentemente, os estudiosos tem preferido trabalhar com o conceito de alfabetismo, tomando-o como fenômeno complexo, que comporta diversos graus de dimensões. Muitos estudiosos têm criticado a concepção de leitura como conjunto de habilidades genéricas que, uma vez adquiridas, podem ser aplicadas a qualquer situação, como também, têm dirigido esforços conjuntos de tarefas socialmente relevantes em que se utiliza material escrito e, a partir deles, dimensionar e analisar graus e tipos de alfabetismo que caracterizam pessoas e grupos.

A ampla utilização do termo analfabetismo funcional deveu-se à UNESCO^v, esta define analfabeto funcional como toda pessoa que sabe escrever seu próprio nome, assim como lê e escrever frases simples, efetuar cálculos básicos, porém é incapaz de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas, impossibilitando seu desenvolvimento pessoal e profissional, ou seja, analfabeto funcional não consegue extrair o sentido das palavras, colocar ideias no papel por meio da escrita, nem fazer operações matemáticas mais elaboradas.

Segundo o INAF^{vi}, o problema tem crescente relevância no Brasil, uma vez que a tendência à universalização do acesso das crianças à escola leva à concreta redução do número de analfabetos absolutos. Várias iniciativas ocorrem nas diferentes instancias do governo tentando estimular a permanência dos alunos na escola, a combater a evasão e promover o retorno às salas de aula dos jovens e adultos, no entanto, a questão que se propõe atualmente é se o acesso e a frequência à escola são suficientes para garantir a aquisição de habilidades necessárias à vida pessoal e profissional, bem como a seu

desenvolvimento como cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. A resposta segundo pesquisas recentes apontam que não.

ALTERNATIVAS DE LEITURA NA PREVENÇÃO CONTRA AS DROGAS

Atualmente já existem propostas que visam a prevenção contra as drogas através dessas leituras, um exemplo disso é o “Projeto de Leitura O estudante” desenvolvido pela Global Editora, onde traz em seu primeiro momento como objetivo o de instigar a curiosidade e ampliar o repertório do aluno, contextualizando a obra e o autor, já em segundo plano tem como intenção resgatar a leitura do aluno, estimulando-o a ler de forma não obrigatório e sim prazerosa, e por último uma atividade que venha a ampliar o universo cultural do educando trabalhando a interdisciplinaridade.

Neste terceiro momento propõe aos alunos investigar em grupo sobre o contexto histórico-social do Brasil e do mundo nos anos de 1975 a 1982, ano da primeira edição de O estudante. Como também sobre os vários tipos de drogas e seus efeitos, selecionando os mais significativos e elaborando folhetos informativos para serem distribuídos na escola. Ainda traz como meta investigar sobre as recentes notícias de jornal sobre o uso e tráfico de drogas no país e na região em que vive.

Uma outra alternativa de leitura na prevenção contra as drogas, vem sendo desenvolvida utilizando a obra “O triste percurso dos usuários^{vii}”, onde através de leitura reflexiva, palestras com o autor e protagonista da história busca instigar a reflexão dos alunos acerca da problemática, defendendo a importância de métodos que estimulem uma visão crítica e participativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, tornando-os capazes de enfrentar os paradigmas do mundo globalizado impregnado pela expansão do consumo abusivo de drogas ilícitas, tornando-os coadjuvantes responsáveis de seus próprios “eus” como afirma que:

Campanhas, cartazes, projetos, livros, são os caminhos que o Brasil tem em mãos perante essa impotência diante do crack, pois, o jovem ao tornar-se dependente entra num patamar de extrema impossibilidade de conseguir vencer essa batalha, chegando muitos a

matar ou morrer para manter seu vício. Sendo assim, o caminho é manter os jovens das futuras gerações informados do seu mal para terem essa oportunidade de escolha. (SILVA, 2011, p.79-80)

Nesse ponto de vista, a Escola é espaço de vital importância nessa luta, como deixa claro Wânier Ribeiro (2005, p.14) ao afirmar que é *“informando que se educa”* o indivíduo para enfrentar os desafios do mundo atual, faltando sim o empenho de muitas instituições de ensino como compromissadas com o bem estar público e social.

Pensando nisso, nessa falta de conscientização, de reflexão, de prevenção, na luta pelo incentivo a leitura, na qualidade de educador e parte desse processo de transformação social, de ex-dependente químico, busca-se entender como a inserção de livro de referência contra as drogas pode ser utilizado como ferramenta interdisciplinar de reflexão e conscientização, onde através de leituras que retratam o triste trajeto do dependente químico, além de palestras e entrevistas com os co-participes do processo de ensino aprendizagem – os alunos –, vem demonstrando resultado satisfatório no que diz respeito a uma conscientização mais crítica e reflexiva da problemática em questão, fazendo valer a paráfrase *“prevenir educando”* da pesquisadora Wânier Ribeiro.

CONHECENDO AS INTENCIONALIDADES DOS “EUS” LITERÁRIOS

As duas obras em questão trazem em sua constituição peculiaridades em comum, ambas visão levar uma mensagem aos jovens de histórias reais que possam penetrar em seu repertório cognitivo prevenindo-os e conscientizando-os do terrível trajeto de quem se envolve com as drogas. Já que *“ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção”* (KUENZER, 2003, p.103).



Figura 2⁴



Figura 1³

O livro “O estudante”, de Adelaide Carraro publicado pela primeira vez em 1982, conta a história de um jovem de 15 anos de família de classe alta na década de 70, onde traz fatos marcantes do envolvimento com as drogas. Este segundo a autora foi relato do próprio adolescente que pediu-lhe para escrever sua história tendo como missão prevenir os jovens das futuras gerações sendo expressa essa vontade no seguinte trecho:

Roberto Lopes Mascarenhas, este livro é seu. Peço-lhe que volte a me procurar, pois desejo encontrar em seu semblante a felicidade que o envolveu depois de saber que os estudantes já levantam na mão a arma contra a droga. Arma fabricada por você: este livro. (CARRARO, 1989, p.05)

Sendo assim, a obra acima tem sido lida e relida por gerações e gerações, no entanto, este não alcançou todos os jovens, como exposto acima, essas leituras buscam alternativas para minimizar o envolvimento dos adolescentes

³³ Figura 1: Capa do livro: “O estudante” – Adelaide Carraro publicado pela Editora Global em 1989.

⁴ Figura 2: Capa do livro “O triste percurso dos usuários” publicado pela Editora Protexito em 2011.

contra as drogas, porém caso não haja políticas públicas que dêem ênfase a tais campanhas, estas acabam sendo esquecidas.

Na obra *“O triste percurso dos usuários”* do autor e protagonista da história Alvaro C. Dias da Silva, também deixa claro sua intencionalidade, a busca de alternativa que ajudem os jovens a se conscientizarem da problemática em questão, onde como foi citado acima segundo Silva(2010), somente através de campanhas, cartazes, livros, projetos o Brasil conseguirá minimizar a influência deste terrível mal perante as futuras gerações. E nas páginas finais da obra expressa sua intenção:

Sendo assim, você nesse momento tem a possibilidade de escolha que eu não tive, para não ter um final triste como esses, lute por seus sonhos e saiba dizer não à essas experiências que podem levá-lo a morte em sua forma pura e real. O verdadeiro livre nessa transitória vida, é aquele que consegue e sabe a hora de dizer “não”.” (SILVA, 2011, p.78)

Assim, ambas as obras tem em comum a busca por uma educação preventiva e a conscientização de todos: alunos, pais e professores, enfim, toda a comunidade sobre os efeitos e conseqüências causadas por essas substâncias à vida humana em todos os seus aspectos físico, psíquico e social. O desafio desses projetos que surgem como alternativas a prevenção, é a luta pela valorização da vida como um bem social a serviço da construção de uma sociedade mais digna e fraterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos pais e educadores ainda se abstêm do problema, engana-se quem acha que um adolescente aparentemente sem problemas nunca experimentaria drogas. Segundo Tiba(2007, p.20) *“todos sabem que os jovens se caracterizam principalmente pela rebeldia e, naturalmente, são pouco propensos a se deixar influenciar por campanhas comportamentais”*. Por isso, é necessário informar o

aluno de forma não imposta sobre os malefícios do vício, mas deixar que os jovens façam suas próprias análises e interpretação através de leitura reflexiva.

Diante deste contexto, o projeto “Literatura contra as drogas” desenvolvido na cidade de São Bento, visa buscar um “caminho” ou alternativa do envolvimento dos estudantes com as drogas. Este adaptado à população estudantil, com leituras fáceis e objetivas, tem como ponto comum informar e alertar sobre os prejuízos do uso abusivo de substâncias psicoativas. Sendo oportuno frisar que os resultados, ainda que parciais, mostram a complexidade da problemática da prevenção, sendo que se faz necessário ter um embasamento científico, ancorado as propostas e necessidades da população alvo. Trata-se, de uma tentativa de construir uma cultura da prevenção.

Aplicando estas idéias ao âmbito da educação preventiva, deve-se deixar claro que ambos os alunos, os dentes e pais devem assumir uma maior responsabilidade com a questão, estes tentando engajar-se como “atores”, cabendo a todos se conscientizarem quanto ao seu potencial reflexivo e sua responsabilidade social, estabelecendo a importância de uma educação afetiva, filosófica e valorativa para todos.

ⁱ Segundo Pelizzoli(2004), o paradigma ecológico emerge nas pesquisas acadêmicas como fundamento social pautado na construção de uma sociedade mais humana que tenha a ética como substantivo determinante e não como objetivo descartável.

ⁱⁱ Saiba mais nos Artigos 22 e 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI n.º 9394/96).

ⁱⁱⁱ Os Parâmetros Curriculares Nacionais tem a intenção de ampliar e aprofundar o debate educacional que envolva escolas, pais, governos e sociedade, dando a origem a uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro, como também focalizado na necessidade de construir referências comuns para uma educação que busque dar condições de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

^{iv} O termo alfabetismo funcional foi cunhado nos Estados Unidos da América na década de 30 e utilizado pelo exército norte-americano durante a Segunda Guerra, indicando a capacidade de entender instruções escritas necessárias para a realização de tarefas militares. A partir de então, o termo passou a ser utilizado para designar a capacidade de utilizar a leitura para fins pragmáticos, em contextos cotidianos, domésticos ou de trabalho, muitas vezes colocado em contraposição a uma concepção mais tradicional e acadêmica.

^v United F.C Educational, Scientific and Cultural Organization) é um organismo especializado do sistema das Nações Unidas. A **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura** (UNESCO) fundou-se a 16 de Novembro de 1945 com o objectivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações. A UNESCO empregou o termo “Analfabetismo funcional” em 1978 visando padronizar estatísticas e influenciar políticas educativas.

^{vi} O Indicador de Alfabetismo Funcional (**Inaf**) revela os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira adulta. Seu principal objetivo é oferecer informações qualificadas sobre as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática dos brasileiros entre 15 e 64 anos de idade, de modo a fomentar o debate público, estimular iniciativas da sociedade civil, subsidiar a formulação de políticas públicas nas áreas de educação e cultura, além de colaborar para o monitoramento do desempenho das mesmas.

^{vii} Publicado pela Editora Protexoto (2010); Atualmente o autor faz palestras e campanhas contra as drogas divulgando sua triste experiência como dependente químico em várias localidades que se propõem a engajar-se nessa luta contra as drogas assumindo seu compromisso ético e responsabilidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BRASIL. “**LEI n.º 9394, de 20.12.96**, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, in Diário da União, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.96.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC /SEF, 1998. 116p.

CARRARO, Adelaide. **O estudante**. 30.ed. São Paulo: Global, 1989.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo:Cortez, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 27^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KUENZER, Acácia (Org.). **A leitura e os leitores**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

NEVES, Joana. **Educação no Brasil: o que há de novo?**. In.: OLIVEIRA, Margarida Dias de (Org.). **Contra o consenso**. João Pessoa: ANPUH/PB, 2000.

PELLIZZOLI, M.L. **A emergência do Paradigma Ecológico** – reflexões ético-filosóficas para o século XXI. 2.ed. São Paulo: Vozes, 1999.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

RIBEIRO, Wânier. **Drogas na Escola: Prevenir Educando**. São Paulo: Annablume, 2005.

SILVA, Alvaro Carvalho Dias. **O triste percurso dos usuários**. 1.ed. Curitiba: Protexoto, 2011.

TIBA, Içami. **Juventude e Drogas: Anjos caídos** – Para pais e educadores. São Paulo: Integrare, 2007.